

# Ensino de guitarra elétrica em instituições de ensino superior

## Comunicação

*Gabriel Lira Caneca*  
*Universidade de Brasília*  
*gabriel.lira.caneca@gmail.com*

*Paulo Roberto Affonso Marins*  
*Universidade de Brasília*  
*pramarins@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo se constitui como uma pesquisa bibliográfica sobre o ensino de guitarra elétrica em instituições de ensino superior (IES) no Brasil. Foram selecionadas dissertações e teses já produzidas acerca do tema com o intuito de identificar os enfoques desses trabalhos, bem como as contribuições de cada autor na caracterização do ensino do instrumento. Identificamos informações acerca da história de inserção da guitarra elétrica nessas instituições, estruturas dos cursos, currículos, aulas e as motivações dos alunos que cursam guitarra em IES. Foi constatado que as dissertações e teses têm se enquadrado em duas temáticas principais: (1) análise de aspectos estruturais, curriculares e pedagógicos dessas instituições e (2) proposição de reformas curriculares. Também foi observada uma pluralidade de formatos de aulas nesses cursos, que acontecem de forma individual, em dupla, em trio, em grupos de 4 ou mais pessoas e em outros formatos que combinam instrução individual com instrução em grupo.

**Palavras-chave:** instituições de ensino superior, guitarra elétrica, ensino.

## Introdução

A guitarra elétrica é um instrumento que teve sua origem da necessidade de projetar o som do violão de forma que este se tornasse audível junto a outros instrumentos de maior projeção sonora como os metais de uma *big band*<sup>1</sup> (DANTAS, 2015, p. 64). Na década de 1930, empresas, luthiers e engenheiros eletrônicos passaram a trabalhar em conjunto no desenvolvimento de captadores<sup>2</sup>, que primeiro foram acoplados a violões, mas logo em

---

<sup>1</sup> Orquestras de *Jazz*, compostas por instrumentos como saxofone, trompete, trombone, guitarra, contrabaixo, baixo, piano e bateria.

<sup>2</sup> Objeto fixado ao corpo da guitarra com função de captar o som do instrumento para transmissão para amplificadores.

seguida passaram a equipar guitarras de corpo sólido, dando origem ao que viria a ser conhecido nos dias de hoje como a guitarra elétrica (GARCIA, 2011, p. 36).

Desde então, o instrumento ganhou ainda mais popularidade e passou a fazer parte de bandas atuantes em diversos gêneros musicais ao redor do planeta. Vários fatores são apontados para esta popularidade: a possibilidade de transitar entre funções de solista ou de acompanhamento harmônico rapidamente em um contexto de performance em apresentações musicais (ROCHA, 2018, p. 11), as possibilidades tímbricas em decorrência de sua fusão com a tecnologia (ROCHA, 2011, p. 13) e o aumento da influência da indústria cultural estadunidense em todo o mundo após a 2ª guerra mundial (DANTAS, 2015, p. 42)

O primeiro registro de um curso superior de guitarra com currículo e proposta definida no mundo data da década de 1960, na *Berklee College of Music*, no Estados Unidos (GARCIA, 2011, p. 16). Naturalmente, o interesse pelo aprendizado do instrumento cresceu também no Brasil e o seu ensino se dividiu em vários contextos, como universidades, conservatórios, escolas livres de música, educação a distância, projetos sociais e aulas particulares, cada qual com características próprias. Neste artigo, iremos nos ater a discussão sobre a inserção da guitarra elétrica em apenas um desses ambientes: as Instituições de Ensino Superior (IES), no que diz respeito a sua modalidade presencial, a partir da análise de teses e dissertações que tratam do ensino de guitarra elétrica especificamente nestas instituições.

Esperamos compreender como os trabalhos de pós-graduação têm investigado e discutido o tema, identificando assuntos emergentes para futuras pesquisas acerca do ensino do instrumento nas IES. Também pretendemos compreender como o ensino do instrumento se apresenta nestes ambientes no que diz respeito a história de sua inserção nas IES, estruturação dos cursos de guitarra, currículo e público atendido de acordo com as informações trazidas nesses trabalhos.

## Metodologia

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento, que tem como foco compreender como professores de guitarra elétrica selecionam e

administram os conteúdos a serem trabalhados em aula. Como etapa inicial do projeto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, na qual foram mapeadas teses e dissertações já produzidas no Brasil acerca dos vários contextos de ensino de guitarra elétrica no país, com intuito de compreender as múltiplas facetas que o ensino do instrumento incorpora na sociedade brasileira do século XXI.

De acordo com Gil (2012, p. 44), “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza [pesquisa bibliográfica], há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Portanto, caracterizamos o presente trabalho como uma pesquisa bibliográfica acerca do ensino de guitarra elétrica em instituições de ensino superior e a forma como o instrumento vem se inserindo em cursos de nível superior, onde analisaremos apenas os trabalhos que trazem informações referentes ao ensino do instrumento em tais espaços de ensino.

A coleta de dados ocorreu nos endereços digitais do catálogo de teses e dissertações da CAPES<sup>3</sup> (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras (BDTD)<sup>4</sup>, em que utilizamos como único descritor o termo “guitarra”. A Tabela 1 indica a quantidade de trabalhos encontrados nesta etapa da pesquisa e os selecionados para análise:

**Tabela 1:** Trabalhos encontrados e selecionados para análise

	Encontrados		Selecionados
	BDTD	CAPES	
Dissertações	67	89	5
Teses	17	19	1

Fonte: Elaborada pelos autores

Por se tratar de diferentes repositórios de trabalhos da mesma natureza, várias teses e dissertações encontradas eram comuns a ambos, inclusive os seis trabalhos selecionados para esta análise. A seleção se deu em três etapas eliminatórias: (1) seleção das produções cujo título indicava uma possível relação com o ensino de guitarra em IES; (2) análise do resumo dos trabalhos selecionados na etapa 1; e (3) consulta ao sumário e sessões de cada um dos trabalhos selecionados na etapa anterior para confirmar a relevância de cada um para

<sup>3</sup> Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

<sup>4</sup> Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>

a pesquisa. Dentre os trabalhos encontrados, foram selecionadas 5 dissertações – Borda (2005), Garcia (2011), Dantas (2015), Módolo (2015) e Pinheiro (2017) – e uma tese – Mariano (2018). Tais trabalhos se encontram discriminados no Quadro 1.

**Quadro 1:** Teses e dissertações que discutem o ensino de guitarra elétrica em instituições de ensino superior

Trabalho	Autor	Instituição	Ano	Tipo
Por uma proposta curricular de curso superior em guitarra elétrica	Rogério Borda	UNIRIO	2005	Dissertação
Ensino e aprendizagem de guitarra em espaços músico-educacionais diversos de João Pessoa	Marcos da Rosa Garcia	UFPB	2011	Dissertação
O ensino da guitarra elétrica nos cursos de música da Universidade Federal da Paraíba: reflexões a partir de demandas discentes	Leonardo Meira Dantas	UFPB	2015	Dissertação
A formação musical e pedagógica em quatro cursos superiores de guitarra elétrica no Brasil	Thiago Grando Módolo	UDESC	2015	Dissertação
Ensino e aprendizagem de guitarra elétrica no Triângulo Crajubar-CE	Cícero Wagner Oliveira Pinheiro	UFC	2017	Dissertação
Diretrizes e perspectivas para o ensino superior de guitarra elétrica no Brasil	Anderson de Souza Mariano	UFPB	2018	Tese

Fonte: Elaborada pelos autores

Borda (2005) tem como objetivo principal de seu trabalho simular a elaboração de uma proposta curricular para um curso de ensino superior de guitarra elétrica que contemple as especificidades da guitarra dentro do mercado brasileiro com foco nos estilos de Jazz, Bossa Nova, MPB, Samba, Choro e Rock. Para tanto, o autor realiza um levantamento bibliográfico sobre a história da guitarra no Brasil, procura identificar repertório para o que o autor considera um estilo de guitarra brasileiro, analisa os documentos curriculares de cinco Instituições de Ensino Superiores nacionais e internacionais e também analisa a Lei nº 9.394

(BRASIL, 1996), também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Borda (2005) constatou que a guitarra brasileira tem uma origem multi-instrumentista, em que foram adaptadas técnicas de violão, bandolim e cavaquinho. O autor elaborou ainda uma série de sugestões para o ensino do instrumento, as quais ele considera em consonância com as diretrizes educacionais e as melhores práticas em cada uma das instituições por ele analisadas.

Garcia (2011), em um estudo de caso múltiplo, investiga o processo de ensino e aprendizagem de guitarra elétrica nas aulas de um professor universitário, um professor de escola livre e um professor particular, elencando diferenças tanto entre as práticas pedagógicas quanto entre perfis de aluno e estruturas dos diferentes ambientes. O autor conclui que é comum aos três ambientes o ensino do instrumento por meio do domínio de escalas, acordes e arpejos, mas com algumas singularidades, como diferença de repertório trabalhado, infraestrutura da sala de aula e estruturação sistemática dos conteúdos a serem trabalhados.

Dantas (2015) procura discutir e analisar as relações entre as demandas discentes e a proposta educacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) acerca das aulas de guitarra elétrica dos cursos das modalidades de licenciatura, sequencial e extensão. Para tanto, utilizou-se de instrumentos como: pesquisa documental acerca da estrutura dos cursos, realização de entrevistas, observação participante e questionários. Dantas (2015) constatou que a UFPB proporciona aos estudantes uma ampliação das perspectivas de atuação e uma série de conhecimentos que permitem o desenvolvimento de suas práticas como instrumentistas, mas ainda assim existe uma certa diferença entre o projeto pedagógico da instituição e as necessidades e demandas dos alunos.

Módolo (2015) buscou investigar como ocorre a formação musical em quatro cursos superiores de guitarra elétrica no Brasil e à atenção destinada a preparação pedagógica dos alunos destes cursos, que poderão vir a se tornar professores do instrumento em vários cenários diferentes. O autor entrevistou um professor de cada uma das quatro instituições, analisou os documentos disponíveis e observou as aulas dessas IES, concluindo que o foco principal dos cursos analisados é a formação do instrumentista, apesar de também haverem

disciplinas obrigatórias (para a licenciatura) e optativas (para o bacharelado) que visam preparar pedagogicamente o graduando.

Pinheiro (2017) aborda as diversas práticas pedagógicas e metodológicas que orientam o ensino de guitarra elétrica na Região Metropolitana de Cariri no Ceará para identificar pontos positivos que possam vir a contribuir para o aperfeiçoamento das práticas de ensino de guitarra em diversos contextos. O autor investigou como ocorre o ensino e aprendizagem de guitarra no curso de licenciatura em Música da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e entrevistou cinco guitarristas influentes da comunidade com o intuito de compreender melhor a história do instrumento na região. A pesquisa apontou para uma possibilidade de integração entre as práticas musicais informais e as consideradas formais, visando uma integração maior entre universidade e comunidade. O autor considera que a UFCA demonstra estar atenta aos saberes musicais populares e ter interesse em fortalecer o diálogo cultural entre universidade e comunidade.

Mariano (2018), por meio de uma revisão bibliográfica, traça uma ampla discussão acerca do ensino de guitarra elétrica, sua inserção dentro da música popular e o mercado profissional de atuação do guitarrista para traçar diretrizes para o ensino do instrumento a nível superior. O autor enfatiza a importância de repensar o ensino do instrumento visando uma maior integração entre as diversas disciplinas do curso superior em música com a abordagem prática da guitarra elétrica. Como resultado, ele elabora uma proposta de ensino do instrumento em 12 tópicos interligados entre si e que visam a formação do guitarrista para a atuação no mercado profissional.

As informações trazidas nestes trabalhos elencados acima serão analisadas e discutidas nas sessões seguintes. Para esta análise serão levados em conta as seguintes categorias: história, estrutura, currículo, aulas e alunos.

## **A guitarra elétrica nas instituições de ensino superior**

### **História**

De acordo com Borda (2005, p. 1), as Faculdades Integradas Estácio de Sá (FIESA), no Rio de Janeiro, foi uma das primeiras instituições de ensino superior a oferecer o bacharelado

com habilitação em guitarra elétrica. Criado em 1985 e encerrado em 1998, sua extinção levou o ensino de nível superior com foco em guitarra a ficar limitado a graduação em guitarra elétrica na Faculdade Santa Marcelina (FASM) e o bacharelado em música popular com opção de instrumento guitarra elétrica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ambas localizadas no estado de São Paulo (MÓDOLO, 2015, p. 21).

Aos poucos, outras instituições de ensino superior foram adicionando disciplinas de guitarra elétrica aos seus currículos. Em 2009, o instrumento adentrou na UFPB por meio da criação do Curso Sequencial de Música Popular e Regentes de Bandas e Fanfarras, o que também beneficiou alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado em música daquela universidade, que puderam optar por ter aulas de guitarra na disciplina Instrumento Complementar, pois até então somente tinham o violão como instrumento mais próximo da guitarra sendo ofertado pela UFPB (GARCIA, 2011, p. 62-63; DANTAS, 2015, p. 135). Em 2012 viria a ser fundado o curso de Licenciatura em Música com habilitação em Guitarra Elétrica nesta universidade (MÓDOLO, 2015, p. 81).

Módolo (2015, p. 30) afirma que até 2014 tinham sido registradas 18 universidades que ofereciam a disciplina guitarra elétrica no Brasil. De acordo com Pinheiro (2017, p. 25), à época de sua dissertação existiam na região Nordeste seis cursos de música de nível superior que traziam o ensino de guitarra elétrica em seus currículos. Mariano (2018, p. 152) aponta a existência de 15 cursos de formação superior em música com habilitação ou ênfase na guitarra elétrica no Brasil.

## **Estrutura**

As aulas nas IES estão subordinadas às regulamentações do Ministério da Educação (MEC), que estipula uma série de normas para que uma instituição possa oferecer um curso de nível superior. Contudo, “não há uma definição oficial (nos termos de diretrizes federais) a respeito da carga horária de ensino de instrumento para cursos de bacharelado e licenciatura em instrumento, sendo assim, cada universidade decide o melhor formato de desenvolvimento das aulas, o que gera particularidades entre as instituições” (MÓDOLO, 2015, p. 162). Em todos os trabalhos analisados foi encontrada a divisão do curso por períodos

semestrais e sistema de obtenção de créditos para a concessão de diploma, além da exigência da preparação de um recital e/ou um trabalho de conclusão de curso (TCC) escrito. O ensino do conteúdo é dividido em várias disciplinas que abordam assuntos específicos, como história da música, teoria musical, harmonia, instrumento, pedagogia, etc. (BORDA, 2005; DANTAS, 2015).

Os cursos dos tipos bacharelado, licenciatura e sequencial costumam ter uma parte das disciplinas em comum, mas também possuem disciplinas destinadas especificamente à cada modalidade, o que não impede que alunos transitem entre as disciplinas das diferentes especializações (GARCIA, 2011; MÓDOLO, 2015). As disciplinas costumam ser divididas entre obrigatórias, as quais são pré-requisito para a obtenção da graduação; optativas, não obrigatórias, devendo o discente cursar uma quantidade mínima de disciplinas de uma lista estabelecida pela instituição; e livres, que se diferenciam das optativas pelo aluno não precisar limitar suas escolhas a uma lista estabelecida pela instituição (BORDA, 2005). Dantas (2015, p. 106) chama a atenção que as disciplinas do curso de licenciatura com habilitação em guitarra elétrica da UFPB dialogam pouco com a formação do professor de instrumento e do músico popular. Neste sentido, Mariano (2018, p. 62) alerta que é necessária uma atenção especial para a forma como a música popular vem sendo implementada nos ambientes acadêmicos, pois a “formação em música popular deve ter suas próprias especificidades, pedagogias e, conseqüentemente, estruturas curriculares plenamente adequadas às suas necessidades”.

Os cursos analisados pelos autores têm duração média de 8 semestres<sup>5</sup>, e não é raro que a disciplina de instrumento seja dividida também em 8 semestres ou na quantidade relativa à duração média do curso (DANTAS, 2015; MÓDOLO, 2015). De acordo com os trabalhos abordados neste artigo, as instituições de ensino superior que oferecem o curso de guitarra elétrica costumam possuir em suas instalações banheiros, auditórios para concertos, estúdios, salas para aula em grandes grupos e também para pequenos grupos ou individuais. São nestas últimas que costumam ocorrer as aulas de guitarra.

---

<sup>5</sup> O curso da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) é a única exceção, durando 6 semestres (MÓDOLO, 2015, p. 76)

As salas de aula de guitarra nestas instituições costumam possuir estantes de partitura, cadeiras, quadros para anotações e amplificadores e também podem ser destinadas para aulas de outros instrumentos, como no caso da UFPB (GARCIA, 2011, p. 63). De acordo com os trabalhos analisados, as IES não possuem instrumentos em quantidade suficiente para professores e alunos utilizarem simultaneamente, obrigando-os a levarem seus próprios instrumento para as aulas.

A grande diferença entre as IES, entretanto, não se dá na estrutura física, mas sim em como cada curso organiza o cronograma das aulas de guitarra. Na busca de cada IES por contemplar a procura de seus alunos por aulas de instrumento, alguns casos chamam atenção: na UNICAMP, Módolo (2015, p. 72-73) relata serem ofertadas “uma aula coletiva semanal (duas horas/aula) com todos os alunos de guitarra dos cursos de graduação, ou seja, sem diferenciação quanto ao estágio em que o aluno encontra-se no curso e uma aula (uma hora/aula) a cada 15 dias para cada aluno individualmente”; na UFPB, tal situação se inverte, foi relatado a oferta de aulas individuais, duplas ou em trio semanalmente e uma aula em grupo quinzenal destinada a todos os alunos matriculados na disciplina de guitarra na UFPB com o intuito de trabalhar assuntos teóricos (GARCIA, 2011, p. 98-99; DANTAS, 2015, p. 135); Nas aulas da UNIVALI, o professor aloca grupos de aproximadamente 5 alunos em 3 horas de aula, nas quais o professor atende individualmente cada aluno pelo tempo proporcional (o que equivaleria a 36 minutos) enquanto os demais desenvolvem atividades em conjunto (MÓDOLO, 2015, p. 125). Foi relatado também um recital de ao final de cada semestre para os alunos das disciplinas de guitarra fazerem uma breve apresentação musical com o intuito de aplicarem os conhecimentos adquiridos no palco na UFPB e na UFCA (GARCIA, 2011, p. 119-120; PINHEIRO, 2017, p. 123).

### **Currículo, aulas e alunos**

Apesar das Instituições de Ensino Superior serem reguladas pelo MEC e possuírem um currículo previamente definido na estruturação de um curso ou disciplina, pode-se perceber que os professores de guitarra ainda contam com certa liberdade ao estruturar suas aulas, como relatado por Garcia (2010, p. 101), em que o professor universitário entrevistado

diz utilizar “apostilas elaboradas ainda quando ministrava aulas particulares”. A UNICAMP segue um caminho similar, onde a escolha dos tópicos a serem abordados ao longo das aulas cabe ao professor (MÓDOLO, 2015, p. 72). Quanto ao repertório, as músicas abrangem diversos gêneros como frevo, samba, bossa nova, *jazz*, choro e *rock* (BORDA, 2005; GARCIA, 2011; DANTAS, 2015; MÓDOLO, 2015; PINHEIRO, 2017; MARIANO, 2018), em que o grau de verticalidade na relação professor-aluno em termos de escolha de conteúdo e repertório varia de acordo com a instituição. Entretanto, costuma-se dar prioridade nas IES ao ensino da chamada “escola jazzística”. De acordo com Mariano (2018, p. 131), “quando dizemos escola jazzística, nesse caso, não queremos dizer que é uma escola que ensina apenas o estilo norte americano de jazz [...], mas uma escola que, principalmente, prima pelos estudos referentes à improvisação”. Para Mariano (2018, p. 132), a maior importância dada ao *jazz* em relação a outros gêneros pode ser vista pela possibilidade de estudo e aplicação de uma ampla gama de conceitos abrangendo escalas, arpejos, acordes e ritmo, que podem ser aplicados em diversas situações musicais em vários outros gêneros também, por mais que cada tipo de música tenha características únicas para sua execução. Por outro lado, Módolo (2015, p. 150) traça a hipótese de que a predileção pelo ensino de *jazz* pode estar relacionada a presença do gênero na formação musical dos próprios professores.

Independente das potencialidades e limitações de cada gênero musical, as aulas nestes ambientes costumam focar em tópicos como repertório, escalas, arpejos, harmonia e improvisação (BORDA, 2005; GARCIA, 2011; MÓDOLO, 2015; PINHEIRO, 2017). Outro tópico comumente trabalhado em aulas de guitarra elétrica dentro de uma IES é o desenvolvimento da leitura de partitura. Apesar da leitura de partitura não ser prática recorrente entre músicos populares, Mariano (2018, p. 185) sugere que tal prática acaba por ser incorporada ao estudo de guitarra em decorrência da adequação do ensino do instrumento a esses ambientes (MARIANO, 2018, p. 185). Alguns métodos e livros de autores renomados no ensino de harmonia, improvisação e *jazz*, como Leavitt (1966), Greene (1978), Chediak (1986) e Faria (1991) são citados constantemente por vários dos professores entrevistados nesses trabalhos. Além da utilização destes materiais, também foi relatado o uso de recursos tecnológicos para

redução de velocidade de música, programação de *backing tracks*<sup>6</sup> e gravação (MÓDOLO, 2015, p. 120).

O público atendido por estas instituições são em sua maioria adultos, visto que para ingressar em um curso superior é necessário ter ensino médio completo, o que costuma acontecer entre os 17 e 18 anos de idade. Por muitas das instituições que oferecem cursos de música serem públicas e gratuitas, uma ampla variedade de alunos de diferentes faixas de renda também pode ser atendida.

Outro ponto fundamental para compreensão do público que frequenta estes ambientes é que a exigência de prova de habilidades específicas para ingresso em algumas IES (BORDA, 2005; GARCIA, 2011, p. 67; MÓDOLO, 2015), onde são avaliadas as habilidades musicais e instrumentais dos candidatos, garante que o aluno não seja um iniciante “do zero”, e, por mais que ainda apresente algumas dificuldades teóricas e técnicas que venham a dificultar seu aprendizado ao longo das aulas (GARCIA, 2011, p. 75-78), tal seleção permite que professor e instituição elaborem a ementa das disciplinas visando atender um público que já possui uma certa intimidade com a prática musical e instrumental. De acordo com Dantas (2015, p. 119-125) parte do público que procura estas instituições já atua como músico profissionalmente e procura um curso superior para se aprofundar nos estudos em decorrência de fatores como corpo docente, respaldo da instituição e proposta do curso. Contudo, Dantas (2012, p. 119-125) chama a atenção que até mesmo em cursos de licenciatura, a maioria dos guitarristas participantes da pesquisa desejavam trabalhar (ou continuar trabalhando) como músicos ao se formarem, e não como professores. Mariano (2018) também ressalta que muitos dos alunos que procuram estas instituições já atuam profissionalmente como músicos e além de aperfeiçoarem suas práticas também procuram a graduação como forma de ampliar sua inserção no mercado de trabalho.

## Algumas Considerações

Por meio deste trabalho, podemos observar que as dissertações e teses que tratam do ensino de guitarra elétrica em instituições de ensino superior têm se concentrado

---

<sup>6</sup> Faixas de áudio com progressões harmônicas destinadas geralmente ao estudo de improviso.

principalmente em dois grandes temas: (1) análise de aspectos estruturais, curriculares e pedagógicos dessas instituições (GARCIA, 2011; DANTAS, 2015; MÓDOLO, 2015, PINHEIRO, 2015) e (2) proposição de reformas curriculares (BORDA, 2005; MARIANO, 2018).

Constatamos também que: a inserção da guitarra elétrica nas IES teve início na década de 80, mas a popularização efetiva se tornou realidade apenas no início do século XXI; em termos de estrutura, as IES contam com salas de aula com amplificadores e outros acessórios, porém não costumam disponibilizar a quantidade suficiente de guitarras para professores e alunos; o currículo prioriza o desenvolvimento do domínio técnico do instrumento, improvisação, acompanhamento e leitura; o *jazz* é o gênero predominante, embora outros tipos de música por vezes se façam presentes em aula a depender dos interesses do professor, do aluno e da instituição. Esta escolha pelo *jazz* se dá, ao menos em parte, pela ampla variedade de situações harmônicas, uso de escalas e outras situações, que costumam compor músicas deste gênero; quanto aos alunos, em sua maioria já trabalham com música ou ao menos já estudam música há algum tempo.

As características mencionadas acima são comuns aos cursos analisados nos trabalhos trazidos neste artigo. O ponto de divergência entre as instituições se dá na forma como as aulas são ministradas, existindo aulas individuais, em duplas, em trios, em grupos de 4 ou mais alunos e em modelos que buscam combinar aulas individuais e em grupo de formas variadas. Uma investigação mais profunda sobre como cada um desses modelos impacta no processo de aprendizagem dos alunos das IES pode contribuir para entendermos a necessidade ou não de reestruturar o formato das aulas nestes espaços.

Os trabalhos analisados também sugerem outros pontos que carecem de investigação. Garcia (2010, p. 99) relata que um professor da UFPB utiliza em suas aulas apostilas desenvolvidas na época em que este ainda ministrava aulas particulares. Podemos então supor que o ensino do instrumento nas IES talvez não apresente tantas diferenças em relação a demais espaços como escolas livres, conservatórios e aulas particulares. Uma pesquisa que investigue a fundo as semelhanças e diferenças entre esses contextos poderia esclarecer o atual estado do ensino do instrumento na nossa sociedade.

Por fim, julgamos como necessário mais pesquisas sobre como a improvisação é ensinada nos cursos superiores. Os professores entrevistados pelos autores dos trabalhos aqui analisados (GARCIA, 2011; DANTAS, 2015; MÓDOLO, 2015; PINHEIRO, 2017) destacaram a importância do ensino de improvisação de modo que a performance do aluno não se torne meramente uma reprodução de escalas. Entretanto, ao discorrerem sobre suas estratégias de ensino, percebe-se que suas práticas pedagógicas são baseadas no empirismo advindo de anos de sala de aula. Apesar de toda experiência que tais professores têm, fruto da prática e aperfeiçoamento musical construídas no decorrer de suas vidas como músicos e professores, uma pesquisa que busque esclarecer como todo esse conhecimento acumulado se materializa em metodologias que de fato colaboram para o desenvolvimento musical de seus alunos poderá vir a contribuir com a aprendizagem de guitarra em situações que extrapolam até mesmo os muros da universidade.

## Referências

BORDA, Rogério. *Por uma proposta curricular de curso superior em guitarra elétrica*. 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 1-289, 23 dez. 1996.

CHEDIAK, Almir. *Harmonia & improvisação: 70 músicas harmonizadas e analisadas violão guitarra baixo e teclado*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1986.

DANTAS, Leonardo Meira. *O ensino da guitarra elétrica nos cursos de música da Universidade Federal da Paraíba: reflexões a partir de demandas discentes*. João Pessoa, 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FARIA, Nelson. *A arte da improvisação*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1991.

GARCIA, Marcos da Rosa. *Ensino e aprendizagem de guitarra em espaços músico-educacionais diversos de João Pessoa*. João Pessoa, 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GREENE, Ted. *Jazz guitar single note soloing vol. 1*. Westlake Village: Dale Zdenek Publications, 1978. 138 p.

LEAVITT, William G. *A modern method for guitar vol. 1*. Boston: Berklee Press Publications, 1966. 195 p.

MARIANO, Anderson de Souza. *Diretrizes e perspectivas para o ensino superior de guitarra elétrica no Brasil*. João Pessoa, 2018. 410 f. Tese (Doutorado em Música). Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MÓDOLO, Thiago Grando. *A formação musical e pedagógica em quatro cursos superiores de guitarra elétrica no Brasil*. Florianópolis, 2015. 197 f. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PINHEIRO, Cícero Wagner Oliveira. *Ensino e aprendizagem de guitarra elétrica no Triângulo Crajubar – CE*. Fortaleza, 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

ROCHA, Marcel Eduardo Leal. *A tecnologia como meio expressivo do guitarrista atuante no mercado musical pop*. Campinas, 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.